

## **COLONOS ERVATEIROS: HISTÓRIA AMBIENTAL E IMIGRAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL<sup>1</sup>**

Marcos Gerhardt\*

**Resumo:** Os imigrantes de origem europeia que colonizaram o Sul do Brasil se dedicaram, na maioria, à agricultura e à pequena pecuária, mas também e em menor escala à extração de bens naturais. Esta pesquisa, que é parte de uma investigação mais ampla, empregou a abordagem da História Ambiental e estudou o envolvimento de imigrantes ligados a projetos de colonização com a extração e o cultivo da erva-mate (*Ilex paraguariensis*, Saint-Hilaire) no estado do Rio Grande do Sul. O recorte temporal, o século XIX e o início do XX, corresponde a uma época em que este produto teve significativa presença na economia sulina. A pesquisa interpretou variadas fontes como relatórios oficiais, imagens, testemunhos orais e jornais que circularam nas áreas de colonização. Os resultados apontam para uma considerável presença de imigrantes europeus ou de seus descendentes nascidos no Brasil, em interação com os camponeses nacionais, na extração florestal da erva-mate e no posterior cultivo da planta.

**Palavras-chave:** Erva-mate. *Ilex paraguariensis*. Colonização. Sul do Brasil.

**Abstract:** The European immigrants that had colonized the south of Brazil have devoted themselves, mostly, to the agriculture and small livestock, but also on a smaller scale, to the extraction of natural assets. This research, which is part of a broader research, used the approach of Environmental History and studied the involvement of immigrants linked to colonization projects with the extraction and cultivation of erva-mate (*Ilex paraguariensis*, Saint-Hilaire) in Rio Grande do Sul state. The time frame from the century XIX into the beginning of XX, corresponds to a time that this product had strong presence in the southern economy. The search interpreted a variety of sources, such as official reports, images, oral testimonies and newspapers that circulated in the areas of colonization. The results indicate a considerable presence of European immigrants or their descendants born in Brazil, in interaction with the national peasantry, the forestry extraction of erva-mate and in the further cultivation of the plant.

**Keywords:** Erva-mate. *Ilex paraguariensis*. Colonization. Southern Brazil.

---

\* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina e bolsista do CNPq. E-mail: marcos@gerhardt.pro.br

## INTRODUÇÃO

Os imigrantes procedentes da Europa que se instalaram no Sul do Brasil a partir do século XIX e início do XX, geralmente são vinculados pela historiografia com a produção agrícola em lotes coloniais e com a pequena pecuária. Este artigo analisa algumas experiências de colonização e afirma a existência de um expressivo envolvimento de imigrantes com o extrativismo da erva-mate e com o posterior cultivo da planta (*Ilex paraguariensis*, Saint-Hilaire), tema pouco presente na história escrita do Rio Grande do Sul. Visa ainda aproximar os temas imigração e colonização da História Ambiental, ou seja, objetiva escrever sobre a colonização por imigrantes empregando a abordagem da História Ambiental. Neste artigo a palavra erva-mate pode significar tanto a planta quanto o produto final, o material resultante do beneficiamento das folhas e ramos. O termo mate, que também é polissêmico, tem dois significados possíveis: denomina a bebida e é usado em sentido amplo, como o conjunto da atividade ervateira.

A erva-mate é conhecida e utilizada desde o período em que o Sul da América era habitado exclusivamente por povos indígenas. Com suas folhas e ramos secos e triturados se prepara uma bebida por infusão em água quente (mate, mate-chimarrão e chá) ou com fria (tereré), variando regionalmente, para ser tomada individualmente ou em grupo. Estas bebidas contêm o estimulante cafeína, algumas saponinas e várias outras substâncias benéficas à saúde humana.<sup>2</sup> O testemunho do francês Auguste de Saint-Hilaire ajuda a compreender seu significado: “A primeira vez que provei tal bebida, achei-a muito sem graça, mas cedo me acostumei a ela e, atualmente, tomo vários mates seguidamente com prazer, até mesmo sem açúcar. Acho no mate um ligeiro perfume misturado de amargor, que não é desagradável.”<sup>3</sup> Algumas espécies do mesmo gênero e família na classificação botânica, como a *Ilex dumosa* (Reissek), foram usadas ou misturadas à *Ilex paraguariensis* para produzir erva-mate, conferindo-lhe sabor menos agradável. Ainda hoje o consumo do mate continua sendo cultural e economicamente importante, o processo de beneficiamento se tornou industrial, a partir de monocultivos da planta, mas a produção agroflorestal tem importante participação no mercado.

A *Ilex paraguariensis* é uma das muitas espécies da biodiversidade das florestas do Sul da América, que no território brasileiro estão atualmente vinculadas ao Bioma Mata Atlântica. Ela se concentrava em algumas áreas, por vezes muito grandes, formando os ervais nativos. Sua ocorrência endêmica no continente corresponde ao que é hoje parte do território dos estados brasileiros do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul, à província

de Misiones na Argentina e ao Leste do Paraguai, representada parcialmente na Figura 1.



**Figura 1** - Área de ocorrência endêmica da *Ilex paraguariensis*.  
Elaborado a partir de LINHARES, Temístocles. *História econômica do mate*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1969.

## UM TEMA POUCO PRESENTE

Geralmente o mate está pouco presente nos textos sobre imigração e colonização, como é o caso da obra clássica de Jean Roche *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Nela, ao descrever a vegetação do planalto riograndense, o autor afirmou que “é, pois, uma região particularmente favorável à floresta”, onde “o reverso da Planalto tinha a metade de sua superfície coberta de

vegetação campestre, e a segunda metade estava dividida entre o Mato (a floresta subtropical) e os *Pinheirais* ou *Pinhais...*”,<sup>4</sup> mas não fez qualquer referência aos extensos ervais nativos existentes ainda nos séculos XIX e XX. Adiante argumentou a importância do desbravamento da floresta, denominou o colono alemão como um “fabricante de terra”, exaltou a produção agrícola que aumentava<sup>5</sup> e não escreveu sobre a existência anterior de uma expressiva economia ervateira na região. Na década de 1990 o historiador Paulo Afonso Zarth argumentou, de forma inédita, a importância do mate para as sociedades do planalto riograndense,<sup>6</sup> evidenciando uma dimensão que Roche não considerou. O mate apareceu pontual e periféricamente em diversos lugares dos dois volumes deste clássico, como nas notas sobre Erechim em 1950, nas quais contou 41 indústrias de erva-mate sob administração de descendentes de imigrantes<sup>7</sup> e no seguinte comentário de reprovação:

É verdade que, independente de qualquer festividade, numerosos colonos adotaram o *chimarrão*, a infusão de erva-mate tomada na cuia e chupada com o pequeno canudo de prata (bomba), que passa de bôca em bôca: essa falta de higiene como o amargor da beberagem poderiam não ter agradado aos gôsto europeu, mas o chimarrão faz agora parte integrante dos costumes teuto-brasileiros, e bem assim a aguardente de cana ou cachaça.<sup>8</sup>

O geógrafo alemão Leo Waibel também não abordou a produção da erva-mate nas experiências de colonização no Sul do Brasil que estudou. Em um texto de 1949, publicado na respeitada *Revista Brasileira de Geografia* e tomado aqui como exemplo, ele tratou da colonização das terras florestais do Brasil Meridional, avaliou as práticas agrícolas dos colonos e elogiou o progresso econômico e cultural de parte deles, mas não abordou a presença do mate nas áreas coloniais.<sup>9</sup> Waibel, na avaliação de Virginia Etges, foi um dos geógrafos mais importantes da Alemanha no período entre as Guerras Mundiais, que também pesquisou a América, onde “o homem, forjador da paisagem cultural,” passou a ser o objeto central de sua atenção.<sup>10</sup>

## COLONIZAÇÃO, EXTRATIVISMO E AGRICULTURA

É possível estudar a erva-mate como uma planta e um produto objetos de pesquisa histórica. Entretanto, como argumentou José Augusto Pádua, “A história ambiental, como ciência social, deve sempre incluir as sociedades humanas. Mas também reconhecer a historicidade dos sistemas naturais. O

desafio, [...] é construir uma leitura aberta e interativa da relação entre ambos”.<sup>11</sup> Durante o século XIX, o comércio do mate se destacou como uma das principais atividades econômicas do Sul do Brasil, de onde era exportado para outros países da bacia do rio da Prata.<sup>12</sup> O trabalho de extração e preparo do mate geralmente era realizado por caboclos, também denominados camponeses nacionais e – neste contexto – ervateiros, que podem ser conceituados como uma população camponesa livre e pobre, de origem lusa, hispânica, africana ou indígena, gerada no encontro cultural e genético destas gentes que, conforme Paulo Zarth, viviam principalmente da agricultura em terras não privatizadas e do extrativismo nos ervais públicos.<sup>13</sup> Os imigrantes interagiram com esta população cabocla nas áreas de colonização e, conforme Daniel Schneider, não promoveram uma ruptura com o modo de vida caboclo e com suas técnicas agrícolas, mas as acolheram, adaptaram conhecimentos e lentamente moldaram a paisagem colonial.<sup>14</sup>

Ainda no século XIX a realidade das áreas florestais do Rio Grande do Sul, onde predominavam a Floresta Estacional Decidual e a Floresta Ombrófila Mista<sup>15</sup> e nas quais se desenvolvia a *Ilex paraguariensis*, começou a mudar rapidamente: projetos de colonização estimularam e viabilizaram o repovoamento do território com imigrantes transformados em colonos que se dedicaram a remover o mato, cultivar o solo e criar animais domésticos. Colonos podem ser conceituados, neste contexto, como os camponeses livres, imigrantes provenientes da Europa durante grande fluxo populacional iniciado no século XIX e que durou até a década de 1930 ou seus descendentes nascidos no Brasil, que tornaram-se proprietários de pequenos lotes rurais nos quais trabalham predominantemente os membros da família. Com a colonização o ambiente foi transformado, a terra privatizada, novas paisagens foram construídas e animais e plantas que antes predominavam nos ecossistemas florestais perderam seu habitat. De uma agricultura e pecuária de subsistência, gradativamente os colonos passaram a produzir para o mercado urbano, especialmente no espaço próximo à capital Porto Alegre. Ao final daquele século, o processo de colonização por imigrantes europeus e seus descendentes prosseguiu e se expandiu para o planalto riograndense, especialmente sobre as áreas de floresta intercaladas com os campos (Figura 2). A população cabocla, vinculada às florestas e aos ervais, sofreu um processo de exclusão, pois os projetos de colonização não estavam preferencialmente voltados para ela.



**Figura 2** - Áreas florestais e colônias de predominância germânica no Norte do Rio Grande do Sul. Fonte: ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Tradução de Emery Ruas. Porto Alegre: Editora Globo, 1969. p. 128.

Diversos documentos indicam a importância do extrativismo da erva-mate silvestre para as áreas de colonização e do consumo do mate, que foi apresentado com algum exagero como “A bebida diária dos colonos na América do Sul”.<sup>16</sup> O imigrante Josef Umann, um operário proveniente da Boêmia que se tornou colono no Brasil e residiu nas proximidades do atual município de Venâncio Aires a partir de 1877, registrou em sua autobiografia que: “Em atenção à carteira vazia que nos primeiros anos não nos permitiu comprar bebidas caras, como cerveja e vinho, cedo nos habituamos ao chimarrão tão estimulante ao espírito.”<sup>17</sup> A ideia do baixo custo da bebida foi reforçada pelo paranaense Romário Martins, uma das autoridades no estudo do tema, que argumentou ser o “mate a bebida alimentar mais barata do mundo”<sup>18</sup>, pois permite repetidas infusões. Auguste de Saint-Hilaire, muito antes de Umann e Martins, teve a mesma impressão e escreveu: “Quando o mate é de boa qualidade pode-se escaldá-lo até 10 ou 12 vezes sem renovar a erva.”<sup>19</sup>

Outras fontes de pesquisa consultadas permitem saber que em Caxias do Sul, colônia oficial fundada na província no final do século XIX em terras florestais, realizava-se a análise bromatológica do vinho, do trigo, de outros produtos e também da erva-mate.<sup>20</sup> A empresa Rosas, Ribeiro & Company, estabelecida em Porto Alegre, anunciou em um jornal caxiense a compra de qualquer quantidade de erva barbaquá, “pagando os melhores preços da praça”,<sup>21</sup> o que correspondia a cerca de 3\$500 réis por arroba<sup>22</sup> (uma arroba equivalia, por convenção, a 15 quilogramas). No final da década de 1920, outro jornal de Caxias do Sul, o *Staffeta Riograndense*, transcreveu um artigo do Correio do Povo no qual anunciou, com euforia, que um morador da vizinha colônia Alfredo Chaves (hoje o município de Veranópolis), inventou um forno para secar erva-mate que visava reduzir de 24 horas para 24 minutos o tempo necessário para a preparação do produto e substituir o obsoleto carijo.<sup>23</sup>

Em seu testemunho oral, o descendente de imigrantes e morador do município de Caxias do Sul, Julio Mauricio Sassi, afirmou que seu pai “adquiria grande quantidade de erva e essa erva-mate era exportada para a Argentina. Esse trabalho durou muitos anos. [...] A erva-mate extraída nessa região sempre foi nativa”.<sup>24</sup> É evidente que a indústria do mate não predominava na economia serrana, mas sua presença e importância podem ser consideradas. Adelino Sassi, o pai do entrevistado, recebeu uma medalha de prata e outra de ouro como prêmios pela qualidade da erva-mate mostrada na Exposição Municipal durante a comemoração do Cinquentenário da Colonização Italiana, realizada em 1925. Na ocasião, também o produtor Nelson Miller e a empresa De Carli & Pagannelli receberam prêmios por sua erva-mate.<sup>25</sup> O mesmo relatório, ligado à Exposição Municipal comemorativa, informou a exportação de pouco mais de 430.000 quilogramas de mate naquele ano, no valor de cerca de 450 contos de réis. Comparando este com o valor exportado em vinho (12.297 contos), em madeira (3.779 contos) e em trigo (1.953 contos) no mesmo período,<sup>26</sup> se pode ter uma ideia do lugar e da importância da extração da erva-mate na economia de Caxias do Sul: não era um dos produtos principais, até mesmo porque a Floresta Ombrófila Mista que predominava na região não abrigava grandes ervais, mas precisa ser considerada como uma atividade presente naquele contexto colonial.

A Figura 3 representa o depósito de erva-mate de propriedade da família Sassi. A denominação barbacuá ou barbaquá identifica um processo de preparo mais elaborado do que o carijo, no qual o produto tem menor contato com a fumaça da lenha usada na secagem. Na imagem se pode ver uma significativa quantidade de mulas carregadas com bolsas de erva-mate, indicando um fluxo considerável do produto.



**Figura 3** - Depósito de erva-mate. Fonte: MANCUSO, Domingos. Depósito de erva-mate barbacua. Caxias do Sul: 1919. Acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami. Caxias do Sul, RS.

A professora Loraine Slomp Giron, em texto publicado no ano de 1979 sobre a modernização gerada por imigrantes italianos em Caxias do Sul, abordou a presença do mate na região e afirmou que “O crescimento da indústria colonial se faz de modo intenso até 1925. De 1913 a 1925 surgem 4 indústrias metalúrgicas, fábricas de produtos químicos, de erva-mate, de velas, de chapéus, de cola, de tecidos e mesmo uma charqueada”.<sup>27</sup> Aparentemente não houve posterior retomada e aprofundamento do estudo do tema pela autora.

Na Colônia São Leopoldo, fundada no início do século XIX e ampliada depois, a “Linha do Herval” e o “Travessão do Herval” (Figura 4) identificam lugares demarcados para ocupação por imigrantes. São um indício da presença da *Ilex paraguariensis* ou de planta do mesmo gênero e família botânica na região, embora fora das principais áreas de ocorrência e certamente em pequena quantidade se comparada ao planalto do Rio Grande do Sul. A Colônia se estendeu ao norte, ocupou terrenos que ultrapassavam os 300 metros de altitude, onde estavam as florestas com *Ilex* nativa e que correspondem aos atuais municípios de Santa Maria do Herval e Morro Reuter. Roche, ao escrever sobre a Colônia São Leopoldo, fez breve referência à erva-mate, classificando-a como “um produto que se colhe na floresta e que ‘deveria ser plantada porque [é] de bom preço e [de] venda imediata’ ”.<sup>28</sup>



**Figura 4** – Fragmento de Planta da Colônia São Leopoldo. Fonte: MÜZELL, Ernst; JAHN, Adalbert. Planta topográfica de uma parte do município de São Leopoldo, 1870. Arquivo Público do Rio Grande do Sul.

Em Santa Cruz, um núcleo colonial criado na metade do século XIX, a imigração dirigiu-se para áreas florestais onde a *Ilex* era abundante: um documento de 1853, informando aos vereadores da Câmara Municipal de Taquari sobre a dificuldade de abrir uma estrada deste município até Cruz Alta, também informou às autoridades sobre a existência de “grande erval rico em quantidade de excelente erva matte” e de ervateiros trabalhando nele.<sup>29</sup> A toponímia é fonte de informação, pois inclui localidades rurais como “Herveiras”, “Herval de Baixo”,<sup>30</sup> “Pinhal do Herval”, “Herval de São João” e “Herval do Paredão”.<sup>31</sup> Cristiano Christillino mostrou como terras cobertas

por florestas, contendo ervais e localizadas na região do vale do rio Taquari, foram apropriadas por meio da grilagem, da legitimação de posse e da exclusão dos posseiros e vendidas em projetos de colonização.<sup>32</sup>

No relatório apresentado ao presidente da província em 1873, o agente da colonização Luiz Kraemer V. Valter, se referindo à Colônia Santa Cruz, escreveu que: “Constou a exportação de cerca de 10.000 saccos de feijão, 20.000 saccos de milho, 40.000 arrobas de fumo, 10.000 arrobas de banha e 30.000 arrobas de herva, além de um valor de 10 contos de réis em diversos artigos.”<sup>33</sup> O jornal *Die Kolonie*, que circulou na região em idioma alemão do final do século XIX até o início do XX, publicou repetidas estatísticas de exportação e tabelas de preços pagos ao produtor onde o mate figurou regularmente. Publicou também textos argumentando as propriedades salutares e as vantagens econômicas da extração e do cultivo do mate. Uma arroba de erva-mate chegou a valer - em Santa Cruz do Sul, no final do século XIX, no mercado voltado para a capital - cerca de 7.500 réis.<sup>34</sup> Este estava muito acima do preço histórico do mate (entre um e três mil réis por arroba),<sup>35</sup> superava o valor de um saco de feijão preto (6\$500 réis) e valia o dobro de um saco de milho (3\$500 réis). Este paralelo precisa ser feito com cuidado, pois o trabalho, a área e o tempo necessários para produzir erva-mate, feijão ou milho são diferentes e de difícil comparação, mas ele ajuda a compreender que a atividade ervateira era viável para o colono naquele ambiente florestal. Na Tabela 1 se nota um acentuado declínio dos preços do mate nos anos seguintes, especialmente na coluna que os apresenta convertidos para pence de libra esterlina, visando minimizar as distorções causadas pela oscilação da moeda brasileira.<sup>36</sup> As variações de preço, também motivadas pela Revolução Federalista, seguramente influenciaram na opção individual de cada colono. A produção de erva-mate, por outro lado, tinha a função de complementar a renda agrícola, pois era um bem natural que podia ser rapidamente transformado em dinheiro.

Pode-se afirmar que os ervais nativos foram conservados e explorados regularmente em alguns lotes coloniais e foram, em outros, derrubados com a floresta para abrir espaço para a agricultura. Neste sentido, Jean Roche registrou que, em Santa Cruz, a erva-mate “declinara regularmente, com as reservas florestais: 900 toneladas em 1881, 480 em 1906, 347 em 1910.”<sup>37</sup> A correspondência expedida pela Câmara Municipal de Santa Cruz inclui algumas listas informando sobre gêneros armazenados e exportados no ano de 1884, nas quais figuram exportadores de erva-mate com sobrenomes como Jungblut, Schuler e Appel. A fonte, apesar de sua fragilidade, é um possível indício do envolvimento de estrangeiros ou de descendentes destes, não agricultores, no comércio do mate no contexto da colonização.<sup>38</sup>

**Tabela 1 - Oscilação do preço da erva-mate em Santa Cruz**

Ano	Preço da arroba em réis	Preço da arroba em pence de libra esterlina
1894	7\$000	70,63
1895	7\$500	74,47
1896	3\$000	27,18
1897	4\$500	34,74
1898	-	-
1899	-	-
1900	-	-
1901	-	-
1902	2\$000	24,00
1903	2\$500	30,00
1904	2\$200	26,40
1905	2\$400	38,16

Fonte: *Marktpreise. Die Kolonie*, 15 dez. 1894 a 1905.

Um pesquisador dedicado à História Ambiental sabe que é preciso afastar-se do determinismo geográfico e ecológico, neste caso evitando afirmar que os colonos se dedicaram ao mate por influência do meio. Mas também é necessário evitar “a dominância do enfoque flutuante”, que em parte se “construiu como reação à forte presença do determinismo geográfico e biológico no pensamento social da passagem do século XIX para o XX”.<sup>39</sup> As sociedades formadas nos núcleos coloniais não flutuavam sobre os ecossistemas e ambientes, eram por ele condicionados e sobre ele exerciam suas ações. Em outras palavras, os humanos integravam o ambiente. A recente pesquisa de José Paulo Eckert mostrou que Santa Cruz do Sul foi, no período anterior a colonização, marcada pela presença da *Ilex* e pelo extrativismo do mate.<sup>40</sup> A população imigrante que colonizou aquela região ervateira não ficaria, portanto, isenta de sua condicionante ecológica, de sua importância econômica e de seu significado cultural.

As fontes de pesquisa dizem mais: uma correspondência de 1883, expedida pela Câmara Municipal de Estrela informando ao governo da província que “A cultura da erva matte tem sido um ramo de commercio forte deste municipio porém tem soffrido alterações pela grande baixa no preço”<sup>41</sup>, é outra evidência e exemplo da importância da atividade ervateira para uma região de colonização, ou seja, o vale do rio Taquari.

O catálogo da Exposição Estadual, realizada em Porto Alegre em 1901, enfatizou a presença da erva-mate, exposta inclusive por representantes de municípios fortemente marcados pela imigração de europeus no século XIX:

Este sublime e poderoso rival do café e do chá da Índia, constitue uma das principais fontes da nossa riqueza, e acha-se representado por numerosos exemplares, vindos dos municípios de Santa Cruz, Passo Fundo, Rio Pardo, Dores de Camaquam, Santa Maria, S. Luiz, Palmeira, Lageado, Taquara, Venancio Ayres, Estrella e outros.<sup>42</sup>

O mesmo catálogo destacou como novidade o conhecimento do processo de germinação da semente da *Ilex paraguariensis*, desenvolvida por uma empresa de Santa Cruz. O padre Carlos Teschauer, entusiasmado com a ideia, transcreveu todo o parecer que justificou a premiação do empreendimento, do qual se salienta que:

...a Comissão encontrou um objecto digno de muita atenção e apreço. É elle uma planta de herba matte (*Ilex paraguayensis*), planta economica da nossa flora, com a idade 8 annos, obtida de semente e exposta pelos Srs. Schönwald & Deutrich, da Companhia Horticola da Sta. Cruz.

Por si só o specimen exposto tem importancia por ter sido obtido de semente. Seu valor cresce de proporções considerando-se que esta planta foi tirada de um herval de 1.400 exemplares de plantas da mesma especie, idade e com o mesmo crescimento, todas obtidas de sementes, que os expositores formaram, parte em terreno de campo, parte em terreno de matto, e possuem no districto de Couto, junto ao Municipio de Santa Cruz...<sup>43</sup>

A Exposição de 1901 destacou ainda a iniciativa de “Carlos Jürgens, do Rio Pardo, que se dedica especialmente a essa cultura, tornando-a extensiva ás 7 colonias que possui”.<sup>44</sup> O envolvimento de teuto-brasileiros com a atividade ervateira e a disposição para fazer plantações ordenadas e controladas de *Ilex*, afastando-se a lógica heterogênea da floresta, apareceu outras vezes nos documentos sobre Santa Cruz, como é o caso da oferta de mudas de erva com um metro de altura, obtidas a partir de semente.<sup>45</sup>

A Tabela 2, embora apresente dados parciais e irregulares, permite traçar um panorama sobre a produção de erva-mate de diversos municípios e colônias.

**Tabela 2 – Exportação de erva-mate de diversas colônias**

<b>Lugar</b>	<b>Período</b>	<b>Exportação de erva-mate (em arrobas)</b>
São Leopoldo	primeiro semestre de 1845	10
Lajeado	1893	7.800
Estrela	1912	1.989
Venâncio Aires	1910 a 1920	268.703 (média de 24.427 por ano)
Montenegro	1917	100
São Sebastião do Caí	início do séc. XX	6.000

Fonte: PELLANDA, Ernesto. Colonização germânica no Rio Grande do Sul: centenário da imigração. sn. 1924.

**Tabela 3 - Produção de erva-mate em Ijuí**

<b>Ano</b>	<b>Erva-mate (em arrobas)</b>
1912	2.750
1913	2.408
1914	5.398
1915	7.754
1916	1.837
1917	2.016
1918	-
1919	-
1920	-
1921	-
1922	2.363
1923	12.065
1924	19.447
1925	16.858
1926	19.761
1927	20.516
1928	22.128
1929	29.175
1930	17.536

Fonte: Relatórios Municipais, 1912 a 1930. Fundo Prefeitura Municipal de Ijuí, pasta 12. Museu Antropológico Diretor Pestana.

Nas colônias Erechim (fundada em 1908) e Santa Rosa (1915), situadas no extremo Norte e Noroeste do estado, a presença da floresta e da *Ilex paraguariensis* não podem ser desprezadas e merecem pesquisa. Extensos e produtivos ervais eram conhecidos na região do atual município de Santo Cristo desde, pelo menos, o século XIX, como se pode saber por meio de um relatório de 1859, do engenheiro Francisco Nunes de Miranda.<sup>46</sup> Na Colônia Ijuhy, criada pelo governo do estado em 1890 e localizada no planalto riograndense, a importância do mate é evidente nos documentos e os dados oficiais permitiram compor a Tabela 3. Apesar da ausência de informações em quatro anos seguidos, nela se pode notar uma crescente presença da erva-mate na economia municipal.

O padre Antoni Cuber, que acompanhou o início da colonização em Ijuí, referiu-se ao desmatamento e registrou em suas memórias que “...aqui, infelizmente, queimaram - sem qualquer aproveitamento – milhares de troncos. A princípio destruíam, também, a erva-mate. Ora, a erva-mate da região de Ijuí é uma das melhores e há muito tempo é considerada como a famosa ‘erva missioneira’ ”.<sup>47</sup> O intendente e comerciante Antonio Soares de Barros registrou e elogiou, em seu relatório anual de 1920, o envolvimento de colonos no cultivo do mate:

Agricultura: [...] Chamo também muito particularmente a atenção dos moradores do município para a plantação da herva matte, por ser muito compensadora e poder aproveitar-se as pequenas zonas de terras que já não se prestam para outras culturas. Tive o prazer de verificar pessoalmente a experiência feita pelos inteligentes Snrs. José Lange, Casimiro Bruno Kurtz e Pedro Thorstenberg, que ao que me consta foram iniciadores desta nova industria no município.<sup>48</sup>

Parte dos colonos dedicados à atividade ervateira se organizaram e criaram, em 1935, a Sociedade Cooperativa de Produção de Herva-Matte do Município de Ijuhy, que definiu em seus estatutos ter “...por fim a união de todos os agricultores-productores de herva-mate residentes no município de Ijuhy, para promoverem a produção, padronização, industrialização e venda da herva-matte”.<sup>49</sup> Neste caso, se destaca a associação que fizeram das palavras “agricultores produtores” de erva-mate, empregando a mesma categoria que o intendente usou no relatório.

O envolvimento de colonos com a extração, plantio e a produção do mate também pode ser percebida em testemunhos orais de descendentes de imigrantes sobre suas vidas. Felicida Mallmann e Benjamin Kunzler, que viveram de 1922

a 2001 e de 1920 a 2004 respectivamente e moraram no segundo distrito de Ijuí (Dr. Pestana na Figura 2), relataram com ênfase a dedicação de José Lange (1883-1967) ao cultivo da *Ilex*,<sup>50</sup> que antes fora registrada pelo intendente Barros em seu relatório anual. Felicidade, cuja família era pobre e numerosa, cresceu na casa do tio José - que a “pegou para criar” - e lembrou da infância, quando suas tardes eram ocupadas pelo trabalho no engenho de erva.<sup>51</sup> Elizabetha Porazzi (nascida em 1915), descendente de imigrantes italianos que se fixaram na Colônia Ijuhy, descreveu com detalhes e entusiasmo o processo de preparo da erva realizado por seus familiares, especialmente a participação das crianças no cancheamento manual e o tempo noturno dedicado pelos irmãos mais velhos ao trabalho de secagem no carijo.<sup>52</sup> Para o pesquisador italiano Alessandro Portelli “A História Oral tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente depois de reunidos [...]”<sup>53</sup> Na composição do mosaico que é a história escrita das sociedades ligadas ao mate, entram testemunhos orais individuais, pois “cada pessoa reúne fragmentos de muitas recordações sociais diferentes em um todo inconfundivelmente pessoal”,<sup>54</sup> que se combinam com (ou contradizem) informações obtidas em várias outras fontes. Há, contudo e por vezes, lacunas neste mosaico ou buracos nesta colcha, que não podem ser completados. A cada entrevista, estamos “tentando aprender um pouquinho” e criando um texto de “múltiplas vozes e múltiplas interpretações”.<sup>55</sup>

A toponímia, que é uma memória social, também ajuda a compreender esta região do estado: na Colônia Serra do Cadeado, a principal estrada, em torno da qual se desenvolveu a vila, denominou-se originalmente “Pau de Herva”<sup>56</sup> e neste contexto significou a árvore da *Ilex paraguariensis*, a erva.

O *Kalender der Serra-Post*, um conhecido anuário impresso em idioma alemão que circulou nas colônias do Norte do Rio Grande do Sul no início do século XX, publicou no ano de 1925 o texto literário “O mate do João Cardozo” (*Der Mate des João Cardozo*).<sup>57</sup> Nele são representadas práticas sociais ligadas à bebida, neste caso o mate que nunca chega depois de oferecido ao visitante é como uma promessa que não se cumpre.<sup>58</sup> Com o mesmo propósito, de informar e esclarecer os leitores, a edição de 1927 do *Kalender der Serra-Post* editou uma série de textos com o título “As novas virtudes e vícios de linguagem para o Rio Grande alemão” (*Neues Sprachgut und Sprachunsitten bei den Deutschen Rio Grandes*). Tratava-se de um glossário de termos riograndenses, onde figuravam palavras como mate, erva-mate, “fachinal”, caboclo e capoeira. Nestes textos o mate é apresentado como uma bebida e também um alimento. O *Kalender der Serra-Post* de 1933 publicou ainda uma ilustração que denominou “O pequeno tomador de mate” (*Der kleine Mate-Lutscher*), reproduzida na Figura 5.<sup>59</sup>



**Figura 5** – O pequeno tomador de mate. Fonte: *Kalender der Serra-Post*, 1933. MADP.

Esta fotografia seguramente é uma composição de pessoas adultas para agradar aos olhos de outros adultos. Ela foi enviada por Albino Krüger, da Colônia Serro Azul (hoje Cerro Largo) e venceu o concurso promovido pelo *Kalender der Serra-Post* em 1932, que a ofereceu como brinde aos leitores. A imagem expressa a valorização do mate enquanto uma bebida incorporada ao cotidiano de uma parcela dos colonos.<sup>60</sup>

Um estudo recente de Frederik Schulze concluiu que o mate-chimarrão foi acolhido de forma ambivalente pelos imigrantes alemães no Sul do Brasil: aceito por alguns como uma bebida saudável e, por outros, tratado com um problema de higiene, pois o uso coletivo da bomba implicava em um suposto risco de transmissão de doenças contagiosas.<sup>61</sup> Uma alternativa de consumo era o chá de erva-mate. Um anúncio no almanaque *Kalender für die Deutschen in Brasilien* de 1913, editado em língua alemã na cidade de São Leopoldo RS, estimulava o consumo deste chá entre os colonos (Figura 6), argumentando que o produto fabricado por Frederico Brusius Netto “é o mais puro e saboroso”, que “pode ser obtido em todas as melhores casas de comércio”.<sup>62</sup>



**Figura 6** - Chá de erva-mate. Fonte: *Kalender für die Deutschen in Brasilien*, 1913.

No jornal *Correio Serrano*, impresso em alemão e depois também em língua portuguesa, que circulou por cerca de 70 anos no Norte do estado, se pode encontrar anúncios de “Terras com Herval: Vende-se junto a villa Ijuhy 10 kilometros da estação da viação ferrea seis colonias de 25 ha com 12 a 15 mil pés de herva mate especial sendo oito mil pés em franca produção”.<sup>63</sup> Nele encontra-se ainda oferta de “5 ½ colonias: com matto e campo, situadas no melhor ponto do 3º distrito do Municipio de Ijuhy; com um bonito herval que rende até 1.000 arrobas de herva por colheita; tem tres bonitas cachoeiras sobre o rio Fachinal...”<sup>64</sup> No primeiro anúncio transcrito, possivelmente o erval ofertado era cultivado e não nativo. Deduz-se isso do procedimento de contagem das plantas (difícil de ser feito em meio à floresta, onde as árvores não têm a regularidade e a distribuição em linhas típicas do cultivo) e da informação de que parte delas não estava produzindo, talvez porque eram jovens. Próximo

de Ijuí, na colônia privada Neu-Württemberg, Rosane Neumann encontrou a erva-mate entre os produtos expostos por agricultores locais em sua “Primeira Exposição de Agricultura, Apicultura e Indústria”, realizada em 1930.<sup>65</sup>

É plausível pensar que os colonos praticassem, inicialmente, um desmatamento seletivo, poupando as erveiras, mas não há informações suficientes para sustentar esta explicação. Um dos poucos testemunhos neste sentido pode ser encontrado no clássico “Cem anos de germanidade”, de 1924:

Os primeiros alemães imigrantes não souberam, por longo tempo, estimar o valor da erva-mate. Como eles próprios contam, eliminavam os pés de erva-mate, inclusive o tronco e o toco, quando eles rebrotavam na roça após a queimada. Mas os tempos, felizmente, mudaram. Agora quando um colono derruba um pedaço de mato, então geralmente precisa derrubar também a erva, mas então ele cobre cuidadosamente o toco com cerca de 20 centímetros de terra para que o fogo não destrua sua capacidade vegetativa. E como se alegra o colono quando a erva rebrota poucas semanas depois da queimada da roça! Já após alguns anos ele pode se alegrar com a primeira colheita, cortando e secando os pequenos ramos com suas folhas.<sup>66</sup>

Esta técnica de conservar a *Ilex* em meio ao desmatamento e a coivara, além de um raciocínio econômico, é um elaborado procedimento de manejo florestal que exige conhecimento sobre a dinâmica natural. Com a colonização, se intensificou a transformação do ecossistema natural, que é “um subgrupo da economia global da natureza – um sistema local ou regional de plantas e animais que trabalham em conjunto para criar os meios de sobrevivência”,<sup>67</sup> em um sistema agroecológico, que é “um ecossistema reorganizado para propósitos agrícolas – um ecossistema domesticado”, ou seja, “é um rearranjo, não uma anulação dos processos naturais”.<sup>68</sup> Em muitas propriedades a *Ilex* deixou de ser, após alguns anos, uma espécie florestal abundante e, em outras, foi transformada em um monocultivo agrícola.

A privatização, o comércio de terras e a agricultura no Rio Grande do Sul se consolidaram com a colonização, especialmente depois da Lei de Terras de 1850.<sup>69</sup> O valor da terra estava ligado à presença de mato, de onde se obtinha madeira e outros materiais, ao solo fértil que se tornava disponível com o desmatamento,<sup>70</sup> à proximidade das vias de transporte, mas também à presença de erva-mate nativa. A historiadora Eunice Sueli Nodari, que pesquisou a colonização no Oeste do estado de Santa Catarina, mostrou que a Empresa Colonizadora Ernesto F. Bertaso utilizou, em sua propaganda na Europa, a informação sobre a existência de madeira e de erva-mate nas terras florestais colocadas à venda.<sup>71</sup>

Temistocles Linhares escreveu uma “História econômica do mate”, uma obra de referência para os estudos sobre o tema, na qual afirmou:

A imigração estrangeira que convergiu para os três Estados produtores na segunda metade do século passado, justamente quando a erva se firmou como produto de exportação, muito contribuiu para que a sua organização se estabelecesse de preferência em moldes familiares [...].  
De qualquer forma, graças aos imigrantes, as coletas do produto aumentaram nas três regiões sulinas, já que em Mato Grosso elas se iniciavam apenas, se bem que na base empresarial mais desumana, mas em grande escala também. Os imigrantes, sim, ajudaram o mate a desenvolver-se e, em compensação, na maioria dos casos, o mate os ajudou a atingir mais depressa o ideal que os fizera atravessar o oceano [...]: o de encontrar uma nova pátria. Na realidade, eles eram homens que precisavam trabalhar para viver e o mate lhes deu esse trabalho.<sup>72</sup>

Não se pode poupar Linhares das críticas de não aprofundar o estudo sobre a colonização e o mate em sua obra e de ter generalizado o motivo da imigração no fragmento aqui transcrito. Além disso, ele se referiu indistintamente aos projetos de colonização de três estados brasileiros, talvez com base nas colônias dos planaltos catarinense e paranaense. A contextualização econômica e social que fez, contudo, é clara e sua conclusão estabelece fortes vínculos entre imigração, colonização e a atividade ervateira, que reforçam os argumentos apresentados neste artigo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira consideração é a de que houve uma expressiva atividade ervateira nas colônias formadas por imigrantes europeus no Rio Grande do Sul, contribuindo inclusive para a adaptação dos colonos ao novo ambiente e para o êxito econômico dos projetos de colonização. Como os colonos repovoaram áreas florestais com ocorrência de *Ilex*, antes habitadas pelos caboclos, a convivência destes grupos significou aprendizagens mútuas, especialmente para os imigrantes que aprenderam como viver junto à floresta nos tempos iniciais, reconhecer plantas, obter alimento, extrair e preparar a erva-mate. Waibel criticou esta aproximação, que transformava os colonos em caboclos.<sup>73</sup>

A segunda é afirmar que a relativa ausência do mate na historiografia que trata da colonização pode ser atribuída ao pouco significado que o mate teve

para a economia dos colonos, permanecendo a atividade nas mãos de caboclos e empresários luso-brasileiros. Mas esta lacuna historiográfica também pode ser explicada por um olhar dos pesquisadores voltado preferencialmente ao cultivo da terra e à produção agrícola. Quando Jean Roche tratou do artesanato de transformação e analisou os 689 artigos expostos por colonos alemães na Exposição de 1881, realizada em Porto Alegre, excluiu “30 amostras de madeira e 6 de erva-mate, frutos de uma atividade de colheita não agrícola”.<sup>74</sup> O extrativismo de bens naturais não estava no foco da análise de intelectuais como Roche e Waibel, que viam na agricultura e na domesticação dos ecossistemas as metas da colonização. Seu modelo teórico de análise estava fortemente marcado pela valorização da agricultura e pela oposição entre “paisagem natural” e “paisagem cultural”, conceitos empregados por Waibel.

Por último, argumenta-se que a colonização – voltada para a agricultura – realizou um intenso desmatamento, que também eliminou muitos ervais silvestres no Rio Grande do Sul. Para os colonos que se dedicaram a plantar ervais em substituição a floresta derrubada, este foi um cultivo civilizador da natureza, que ajudou a criar as paisagens coloniais. A erva-mate, na condição de produto complementar à renda obtida em uma parte dos lotes rurais, gradativamente deixou de ser um bem florestal para fazer parte da agricultura colonial. Alguns imigrantes ou seus descendentes foram ainda além e tornaram-se empresários do mate, seguindo um caminho que o contexto econômico favorável abria.

## NOTAS

<sup>1</sup> O artigo é parte da pesquisa para a tese de doutorado no PPG em História da UFSC. Agradeço meus orientadores, Profa. Dra. Eunice Sueli Nodari e Prof. Dr. João Klug, pelo diálogo e pelas sugestões.

<sup>2</sup> COELHO, Geraldo Ceni. *Teores de metilxantinas e saponinas e morfologia foliar de erva-mate (Ilex paraguariensis A. St.-Hil.) sob a influência de diferentes fatores ambientais e em diferentes variedades e populações*. 2002. Tese (Doutorado em Bioquímica) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>3</sup> SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul: 1820-1821*. Tradução de Leonam de Azeredo Penna. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1974. p. 160.

<sup>4</sup> ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Tradução de Emery Ruas. Porto Alegre: Editora Globo, 1969. p. 50.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 52-53.

<sup>6</sup> ZARTH, Paulo Afonso. *História agrária do planalto gaúcho: 1850-1920*. Ijuí: Editora Unijuí, 1997. p. 116-126.

<sup>7</sup> ROCHE, *op. cit.*, p. 540-541.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 638-639.

<sup>9</sup> WAIBEL, Leo. Princípios da colonização européia no Sul do Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, n. 2, abr./jun. 1949.

<sup>10</sup> ETGES, Virgínia Elisabeta. A paisagem agrária na obra de Leo Waibel. *GEOgraphia* (UFF), ano II, n. 4, 2000. p. 28.

<sup>11</sup> PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da História Ambiental. *Estudos Avançado*, São Paulo, v. 24, n. 68, 2010. p. 97.

<sup>12</sup> LINHARES, Temístocles. *História econômica do mate*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1969.

<sup>13</sup> ZARTH, op. cit. e ZARTH, Paulo Afonso. *Do arcaico ao moderno: o Rio Grande do Sul agrário do século XIX*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.

<sup>14</sup> SCHNEIDER, Daniel. *A construção de uma cultura técnica agropecuária no sul do Brasil: o caso da Colônia Ijuí*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>15</sup> VELOSO, Henrique Pimenta; RANGEL Filho, Antonio Lourenço Rosa; LIMA, Jorge Carlos Alves. *Classificação da vegetação brasileira, adaptada a um sistema universal*. Rio de Janeiro: IBGE, Departamento de Recursos Naturais e Estudos Ambientais, 1991. p. 28; 77.

<sup>16</sup> *Der Deutsche Auswanderer*, 1906, p. 42.

<sup>17</sup> UMANN, Josef. *Memórias de um imigrante boêmio*. Tradução e notas de Hilda Agnes H. Flores. Porto Alegre: EST; Nova Dimensão, 1997. p. 67.

<sup>18</sup> MARTINS, Romário. *Ilex-Mate: chá sul-americano*. Curitiba: Gráfica Paranaense, 1926. p. 210.

<sup>19</sup> SAINT-HILAIRE, op. cit., p. 159-160.

<sup>20</sup> Anais da Assembleia Legislativa, 1905. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

<sup>21</sup> *Il Colono Italiano*, 27 jul. 1916. Museu dos Capuchinhos.

<sup>22</sup> Idem, 30 nov. 1916.

<sup>23</sup> *Staffetta Riograndense*, 10 out. 1928. Museu dos Capuchinhos.

<sup>24</sup> Entrevista com Julio Mauricio Sassi, 1996. Arquivo Histórico João Spadari Adami. Caxias do Sul, RS.

<sup>25</sup> Caxias do Sul: Relatório correspondente ao período administrativo decorrido de 12 de outubro de 1924 a 31 de dezembro de 1925, apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente Dr. Celeste Gobbato. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1926. p. 15; 20. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

<sup>26</sup> Ibidem.

<sup>27</sup> GIRON, Loraine Slomp. O imigrante italiano: agente de modernização. In: *Anais do I e do II Fórum de Estudos Ítalo-brasileiros*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1979. p. 86.

<sup>28</sup> ROCHE, op. cit., p. 270.

<sup>29</sup> Correspondência da Câmara Municipal de Taquari, 1849-1854. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

<sup>30</sup> Mapa organizado em observância ao Decreto-lei Nacional n. 311, de 2 de março de 1938. Escala 1:80.000. Centro de Documentação da Universidade de Santa Cruz do Sul.

<sup>31</sup> Livros de registro de batismo de Santa Cruz. Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

<sup>32</sup> CHRISTILLINO, Cristiano Luis. *Estranhos em seu próprio chão: o processo de apropriações e expropriações de terras na província de São Pedro do Rio Grande do Sul (O Vale do Taquari no período de 1840-1889)*. 2004. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

<sup>33</sup> Relatório apresentado a S. Ex. o Sr. Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul pelo agente interprete da colonização: 1873. In: Brazilian Government Document Digitization Project. Universidade de Chicago, 2001. p. 7. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/905/>>. Acesso em: 5 out. 2010.

<sup>34</sup> *Die Kolonie*, 6 jul. 1895. Centro de Documentação da Universidade de Santa Cruz do Sul.

<sup>35</sup> ZARTH, Paulo Afonso. *História agrária do planalto gaúcho: 1850-1920*. Ijuí: Editora Unijuí, 1997.

<sup>36</sup> Com base em IBGE. Curso do cambio na praça do Rio de Janeiro – 1822/1939. In: *Anuário Estatístico do Brasil*. Ano V, 1939/1940. (Separata: Quadros Retrospectivos).

<sup>37</sup> ROCHE, op. cit., p. 275.

<sup>38</sup> Correspondência expedida pela Câmara Municipal de Santa Cruz, 1878-1889. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

<sup>39</sup> PÁDUA, op. cit., p. 92.

<sup>40</sup> ECKERT, José Paulo. *O povo dos herveas: entre o extrativismo e a colonização (Santa Cruz, 1850-1900)*. 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

<sup>41</sup> Correspondência de 21 mar. 1883 dirigida ao Governo da Província. Correspondência expedida pela Câmara Municipal de Estrela. 1882-1889. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

<sup>42</sup> Catálogo da Exposição Estadual de 1901: Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Oficina Typographica de Gundlach e Becker, 1901. p. 145.

<sup>43</sup> TESCHAUER, Carlos. *A herva-mate na historia e na atualidade*. Porto Alegre: Gundlach & Comp. 1907. p. 20.

<sup>44</sup> Catálogo, op. cit., p. 145.

<sup>45</sup> *Die Kolonie*, 6 jun. 1903.

<sup>46</sup> MIRANDA, Francisco Nunes de. [Relatório] *Sobre os diferentes ervais, sua extensão, uberdade e cultura*, 1859.

<sup>47</sup> CUBER, Antoni. *Nas margens do Uruguai*. 1898. Ijuí: Museu Antropológico Diretor Pestana, 1975. p. 36.

<sup>48</sup> Relatório Municipal de 1920. Fundo Prefeitura Municipal de Ijuí, pasta 12. Museu Antropológico Diretor Pestana.

<sup>49</sup> Título nominativo do sócio: Sociedade Cooperativa de Produção de Herva-Matte do Município de Ijuhy, 1935. p. 8.

<sup>50</sup> Entrevista com Felicida Mallmann e Benjamin Kunzler, por Marcos Gerhardt. 20 jun. 2000. (gravação, acervo da família).

<sup>51</sup> Ibidem.

<sup>52</sup> Entrevista com Elizabetha Porazzi, por Marcos Gerhardt. 10 mar. 2001. (gravação, acervo da família).

<sup>53</sup> PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre ética na história oral. *Projeto História*, São Paulo, v. 15, 1997, p. 16.

<sup>54</sup> Ibidem.

<sup>55</sup> Ibidem, p. 24 e 27.

<sup>56</sup> *Festschrift zur Jahrhundertfeier der ersten Deutschen Einwanderung in Rio Grande do Sul: die Deutschen der Kolonie Serra Cadeado: 1824-1924*. Ijuhy: Livraria Serrana, 1924.

<sup>57</sup> *Kalender der Serra-Post*. Ijuhy: Livraria Serrana, 1925. Museu Antropológico Diretor Pestana.

<sup>58</sup> LESSA, Luiz Carlos Barbosa. *História do chimarrão*. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 1986.

<sup>59</sup> *Kalender der Serra-Post*, op. cit., 1927 e 1933.

<sup>60</sup> Idem, 1933.

<sup>61</sup> SCHULZE, Frederik. Imigrantes alemães e o chimarrão como problema higiênico. In: Martin Dreher et. al. (Orgs.). Saúde: Corporeidade – Educação. *Anais do XVIII Simpósio de História da Imigração e Colonização*. São Leopoldo: Oikos, 2009. p. 730-742.

<sup>62</sup> *Kalender für die Deutschen in Brasilien*. São Leopoldo; Cruz Alta: Rotermund, 1913. p. 224.

<sup>63</sup> Correio Serrano, 21 fev. 1930, p. 3. Museu Antropológico Diretor Pestana e Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

<sup>64</sup> Idem, 12 out. 1921.

<sup>65</sup> NEUMANN, Marcia Rosane. *Uma Alemanha em miniatura: o projeto de imigração e colonização étnico particular da Colonizadora Meyer no noroeste do Rio Grande do Sul (1897-1932)*. 2009. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. p. 535.

<sup>66</sup> *Hundertjahre: Deutschtum in Rio Grande do Sul: 1824-1924*. Porto Alegre: 1924. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. p. 211.

<sup>67</sup> WORSTER, Donald. Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na História. *Ambiente & Sociedade* v. V, n. 2, ago./dez. 2002. v. VI, n. 1, jan./jul. 2003. p. 29.

<sup>68</sup> Ibidem, p. 29-30.

<sup>69</sup> ZARTH, op. cit.

<sup>70</sup> GERHARDT, Marcos. *História ambiental da Colonia Ijuhy*. Ijuí: Editora Unijuí, 2009.

<sup>71</sup> NODARI, Eunice Sueli. *Etnicidades renegociadas: práticas socioculturais no oeste de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009. p. 55.

<sup>72</sup> LINHARES, Temístocles. *História econômica do mate*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1969. p. 243-244.

<sup>73</sup> WAIBEL, op. cit., p. 181.

<sup>74</sup> ROCHE, op. cit., p. 484.